

Excelentíssimo Presidente da Academia Catarinense de Letras, Acadêmico Moacir Pereira

Excelentíssima Secretária da Academia Catarinense de Letras, Acadêmica Lélia Pereira da Silva Nunes, que nesta solenidade me recepciona

Excelentíssimas senhoras acadêmicas e excelentíssimos senhores acadêmicos

Autoridades presentes ou representadas

Senhora Secretária Executiva Ana Bessa e demais colaboradores

Familiares do saudoso imortal CARLOS RONALD SCHMIDT

Poetas, escritoras e escritores

Queridas amigas e queridos amigos

Amados familiares: Dimitri, meu filho; Natasha, minha filha e meu neto, Yuri; meu irmão e minha cunhada, Paulo Cesar Fiuza Lima e Lizete Jorge Fiuza Lima; e meu irmão, Paulo Roberto Fiuza Lima (*in memoriam*).

É com mal contida emoção que nesta noite solene assomo à tribuna da imponente Casa José Boiteux para meu discurso de posse:

a esta Casa chego em reverência, mas não chego sozinha. Aqui estou, imantada pela poderosa energia que eflui de seus pilares, impregnados pelas digitais das ilustres mulheres e dos ilustres homens que por aqui passaram, e daquelas e daqueles que ora a compõem e enaltecem; mulheres e homens apaixonados pelas letras e artífices da palavra, que sob seu manto produziram e produzem a excelência em poesia, crônica, romance, conto, novela, biografia, história, teatro, ensaio... e inspiraram e inspiram gerações.

Chego em plenitude, ainda que em floração, como uma eterna discípula; simbolicamente envolta pelo halo de devoção à Língua Portuguesa que paira sagrado nessa atmosfera há mais de um século, tomada por um sentimento de pertencimento e absolutamente consciente da responsabilidade da contrapartida desta honraria. Em sintonia com a emoção da imortal Rosiska Darcy de Oliveira, ao ingressar à Academia Brasileira de Letras: *Um cálido sentimento de pertencimento à uma linhagem de criadores (...) que com seu imaginário, arte e cultura, ciência e gestos fundadores mantém vivo o fio civilizatório que nos preserva da corrosão do eterno presente;*

chego agradecida e adornada de felicidade, à emérita e centenária Academia Catarinense de Letras, para ocupar a Cadeira 25 — cujo último titular foi o ilustre e inesquecível poeta Carlos Ronald Schmidt— pelos votos das eminentes acadêmicas e dos eminentes acadêmicos que me consideraram merecedora de pertencer à esta lúdima confraria e me fizeram depositária desta imensurável distinção;

como não fosse desmedida a alegria de aqui chegar, tenho a elevada honra e a satisfação de ser recepcionada nesta noite pela nobre Acadêmica Lélia Pereira da Silva Nunes.

Socióloga e brilhante escritora reconhecida por suas crônicas memórias, seus ensaios e suas críticas, que desde o ano de 2013 é titular da Cadeira 26 desta Casa e engrandece os quadros desta notável instituição como legítimo sujeito de timbre feminino.

Lélia se destaca por sua valorosa trajetória nas lides educacionais e culturais, em defesa da língua portuguesa e da identidade cultural de Santa Catarina. Foi professora da Universidade Federal de Santa Catarina, Superintendente da Fundação Franklin Cascaes e atualmente é a Vice-Presidente do Conselho Municipal de Cultura. Sua particular dedicação refere-se ao estudo da cultura tradicional açoriana, no Sul do Brasil e nos Açores, na Europa.

Em razão da sua personalidade dinâmica e de seu espírito admirável expandiu a nossa literatura para além do nosso continente, construindo e estreitando vínculos com grandes expoentes da escritura lusófona. A ela devoto meus eternos agradecimentos;

aqui chego, abraçada pelos laços consanguíneos de todos os afetos que me antecederam e dos que comigo permanecem, hoje espelhados na sempiterna presença da minha adorada mãe, Erotides Quintino Fiuza Lima;

a esta Casa chego conduzida por mãos dadivosas de professoras que, como um archote, me iluminaram o caminho desde que passei a frequentar os bancos escolares. Da Educação Infantil ao Ensino Médio essas mãos foram, sem nem uma exceção, mãos femininas;

aqui chego, graças a uma senda aberta com luta, sofrimento e lágrimas, por milhares de mulheres brasileiras — *indígenas, negras e brancas* — *que nestes 500 anos foram as principais responsáveis pelos avanços no campo social e pelas conquistas dos direitos civis, hoje desfrutados pela grande maioria* (conforme ‘O Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade’, organizado por Schuma Schumacher);

tenho a inominável honra de chegar à Academia Catarinense de Letras como a décima mulher eleita a integrar os quadros desta secular instituição, precedida por brilhantes escritoras de inestimáveis memórias: Delminda Silveira de Souza (1854-1932), Maura de Senna Pereira (1904-1991), Casthorina Lobo de São Thiago (1884-1947), Sylvia Amélia Carneiro da Cunha (1914-2012) e Leatrice Moelmann Pagani (1925-2019); todas elas poetisas como eu que, doravante, terei o privilégio de aqui conviver em harmonia — entre os insígnies acadêmicos que enaltecem este sodalício — com as ilustres confradeiras Urda Alice Klueger, Lélia da Silva Pereira Nunes, Maria Tereza de Queiroz Piacentini e Kátia Rebello (eleita no mesmo ato que eu); sobre esse acesso tardio é importante ressaltar a observação de Maria Thereza Veloso (org.) na obra ‘Entre Livros e Discursos —

a trajetória das mulheres da Academia Brasileira de Letras’: *(...) credite-se esse tempo como necessário ao indispensável e natural processo de maturação político-social para ouvir o sujeito discursivo mulher, na complexidade, criatividade e plenitude de expressão que caracterizam todo sujeito de discurso. (...) historicamente relevante para*

que o aprofundamento da consciência política individual se ampliasse, repercutindo no pensamento coletivo;

a esta casa chego por efeito do incentivo e do apoio de incontáveis amigas e amigos queridos, generosos apreciadores da minha escritura poética, representados por João Alberto Correa, responsável pela centelha do estímulo que acendeu meu coração. Refiro-me ao primogênito do ilustre e saudoso Acadêmico Nereu Correa, titular da Cadeira 40, que em 1965 assumiu a Presidência desta Academia;

chego a esta casa em uma data festiva: 25 de novembro é o dia de Santa Catarina, a Padroeira do nosso Estado. Catarina foi uma jovem mulher de Alexandria que no início do século IV, sustentada por sua inteligência e seu poder de argumentação, ousou enfrentar o Imperador Maximiano em defesa dos cristãos perseguidos. Não logrou seu intento, porém converteu para o Cristianismo não só a Imperatriz, como dezenas dos maiores sábios do reino e os próprios guardas da prisão, o que resultou na sua arbitrária sentença de morte. Ela entrou para a História como a grande intelectual do século IV, posteriormente canonizada pela Igreja Católica como Santa Catarina e designada padroeira dos filósofos, dos professores e dos estudantes.

Isto posto, permitam-me, na sequência, prestar a devida reverência ao ilustre Patrono da Cadeira 25 desta egrégia Academia Catarinense de Letras, a qual tenho nesta data a subida honra de assumir:

JUVÊNCIO MARTINS COSTA, o ilustre Patrono da Cadeira 25, nasceu em Desterro, em 6 de julho de 1850 e morreu intempestivamente na sua cidade natal, em 7 de outubro de 1882, com apenas 32 anos de idade, há exatamente 139 anos.

Filho de Venceslau Martins da Costa e de Ana Inácia Medeiros Costa.

Poeta, jornalista, militar e político, desde muito jovem publicou nos jornais temas afins à literatura e à política, participou de grupos teatrais e integrou a Diretoria da Sociedade Dramática Fênix Catarinense.

Em 1880, deixou a função de Inspetor de Distrito das Escolas da Capital (Desterro), para assumir o cargo de Deputado Estadual na Assembleia Legislativa Provincial de Santa Catarina, à 23ª. Legislatura (1880-1881). Foi Administrador de Rendas de São Francisco do Sul, Escriturário da Alfândega do Desterro e Tenente da 1ª. Cia. do Batalhão da Guarda Nacional da capital.

Contribuiu como redator do jornal A Regeneração e é um dos fundadores do Clube Doze de Agosto, desta cidade.

Poeta, aclamado pela crítica da época, cujos poemas eram declamados em diversos saraus, conta com parte de seus escritos registrada no setor de Obras Raras, da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

É para mim por demais significativo sentar-me à Cadeira 25, cujo ilustre Patrono foi um grande poeta que, seguramente, não o foi maior em razão da cruel precocidade com que teve a vida ceifada.

O insigne Acadêmico José Boiteaux, Fundador e Primeiro Presidente desta Casa que leva seu nome, assim escreveu na apresentação da única obra do poeta, publicada postumamente em 1883:

(...) apenas uma sincera homenagem à memória do distinto lidador, que abatido pela morte na luminosa arena, em que empenhou lutas gigantéias, deixou cair a pena — espada de luz — para atirar-se nos braços da glória, cercado da mais elevada admiração, que lhe tributam todos os seus patrícios e amigos! (...) No meio da indiferença que vai nestes tempos de filáucia e hipocrisia que correm, avassalando os catarinenses, Juvêncio Costa era dos poucos que não se deixava abater, alimentando mesmo — “descrente no viver, à dor entregue” — um ideal santo e nobre, que se aninha nos corações bem fortes e essencialmente patriotas.

A memorável obra que Juvêncio Martins Costa, o Patrono da Cadeira 25 da Academia Catarinense de Letras, legou à sua posteridade se intitula Flores sem Perfume. Dentre outros, nela se encontra o melancólico poema que segue:

SONETO (1)

*Na dor do coração a morte leio,
(Azevedo)*

*Na alvorada da vida — o sofrimento
Me punge o coração enternecido,
E concentro no peito esvaecido
Os suspiros e ais do sentimento!*

*Bem como a flor votada a esquecimento
Assim é meu amor constante e fido...
Ninguém perscruta o meu penar sentido,
A cisma que me afluê ao pensamento!*

*Fenece à crença, me maltrata a lida
De um presente cruel, e a sorte odeio,
Detesto os sonhos da ilusão perdida!*

*E a esperança, que é luz — d'ela descreio!
Maldigo o meu porvir, e odiando a vida
— Na dor do coração a morte leio.*

ANTÔNIO MÂNCIO DA COSTA, foi o emérito fundador da Cadeira 25 da Academia Catarinense de Letras.

Nasceu em 1886, em Desterro e veio a falecer em 1971, em Blumenau.

Realizou seus estudos iniciais em Florianópolis e posteriormente ingressou na Faculdade de Farmácia no Rio de Janeiro.

Escritor, farmacêutico, político, erudito professor e poeta.

Exerceu os cargos de secretário particular de Hercílio Luz, Governador do Estado de Santa Catarina (1918); de superintendente interino de Florianópolis (1923); de

Deputado Estadual na 11ª. Legislatura de Santa Catarina (1922-1924; de chefe da Instrução Pública do Estado (1926) e de Diretor da Imprensa Oficial do Estado (1934). No âmbito educacional, destacou-se como: Diretor de Escola Normal; Professor e Diretor do Instituto Estadual de Educação Dias Velho e cofundador da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Santa Catarina.

Escreveu diversos ensaios sobre Astronomia, entre eles: *O 5º. satélite de Júpiter e a Teoria da Relatividade generalizada; Marte e as suas posições favoráveis; Teoria do equilíbrio instável do sistema solar.*

E as peças teatrais: *Astros que falam; Seu Jeca qué casá; Flor da roça.*

O saudoso Acadêmico desta Casa, Arnaldo Claro São Thiago, titular da Cadeira 19, professor e poeta, escreveu sobre ele no jornal catarinense O Estado: *Como sucede quase sempre em relação aos homens cultos, Mâncio Costa sabia também externar em belíssimas produções poéticas o saber que acumulara durante múltiplos anos de meditação silenciosa e contemplação apaixonada do firmamento.*

Eis o poema de sua autoria escrito em 1969 e publicado no jornal O Estado, em 1986:

A ENSEADA DE CANASVIEIRAS

Quando a espuma do mar te veste a praia,
um lindo seio de mulher parece
e no rendado líquido da saia
há restos de amor, há rumor de preces.

No orto do sol as ondas verdes gaias
semelham dos trigais o oiro das messes.
Alacre acordas quando a aurora raia
mas o cair da noite te entristece.

Vives assim, assim vives e o mar
de velhas lendas, mágico profeta,
anseia mais e mais por te beijar.

Foste o encanto de Várzea e és agora
a inspiradora musa do poeta
que em teu regaço acolhedor, demora

AMARO SEIXAS RIBEIRO NETO, foi quem teve a honra de aqui o suceder. Nascido em 2 de novembro de 1924 nesta capital, Florianópolis, veio a falecer na mesma cidade em 23 de maio de 1984. Além de escritor profícuo, foi jornalista, astrônomo e matemático.

Atuou como diretor e redator do jornal Diário da Tarde e manteve durante anos uma coluna sobre meteorologia no jornal O Estado.

Publicou uma vasta obra, tais como, *Política; A geometria do átomo e Povoadores do Universo; Conjugado de matéria; O triangulo das Bermudas; e Clima Regional da Ilha de Santa Catarina;*

por ela mereceu reconhecimento internacional, sendo distinguido com mais de 80 títulos honoríficos, concedidos por instituições científicas e literárias de diversos países.

PASCHOAL APÓSTOLO PÍTSICA foi, depois dele, o ilustre acadêmico a ocupar a Cadeira 25.

Nasceu em Florianópolis em 26 de novembro de 1938 e veio a falecer na sua cidade natal em 11 de maio de 2003.

Foi escritor, jornalista e brilhante advogado. Empossado titular da Academia Catarinense de Letras em 1985, assumiu o notório cargo de seu Presidente, no período de 1988 a 2003

Palavras e Registros: vultos e fatos Catarinenses de ontem e hoje; A Capitania de Santa Catarina. Alguns Momentos; Numa Fonte Cristalina; Juvêncio Martins Costa e sua Obra Poética; Aquarelas Gregas; Defesas Perante o Tribunal do Júri; e À Altura do seu Passado — Academia Catarinense de Letras, foram algumas de suas importantes obras publicadas.

JAIR FRANCISCO HAMMS o sucedeu nesta Casa como Acadêmico titular da Cadeira 25.

Nascido em Florianópolis em 11 de abril de 1935, veio a falecer na mesma cidade em 11 de janeiro de 2012.

Destacado intelectual, sobressaiu-se nas diferentes áreas em que atuou como escritor, advogado, jornalista, publicitário e professor.

Ocupou importantes cargos:

no Governo do Estado de Santa Catarina foi subchefe da Casa Civil, Secretário de Estado de Comunicação Social e Presidente da Companhia de Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina, Codesc;

na Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, além de professor, foi Secretário Geral, Diretor de Extensão Cultural e Chefe de Gabinete do Reitor.

Escreveu *Estórias de Gente e outras Estórias; O Vendedor de Maravilhas; O Detetive de Florianópolis; Samba no céu; Santa Catarina — um Caleidoscópio Étnico*; entre outras.

Nesta solenidade, tenho a imensa honra de assumir a Academia Catarinense de Letras para ocupar a Cadeira 25 — cujos titulares, como visto, distinguiram-se como expoentes da elite intelectual de Santa Catarina — e que teve como integrante desta plêiade e meu antecessor, o ilustre acadêmico CARLOS RONALD SCHMIDT.

Nascido em 2 de dezembro de 1935, em Florianópolis, veio a falecer nesta cidade em 25 de outubro de 2020, pouco antes de completar a idade de 85 anos.

CARLOS RONALD SCHMIDT, que adotou o nome literário de C. RONALD, destacou-se como singular e fecundo poeta, mas também é reconhecido como contista, dramaturgo, ensaísta, multiartista e magistrado.

Na infância, demonstrou sua inclinação pela música interessando-se pelo piano e pela composição. Contudo, foi dissuadido pelos pais em relação àquele instrumento; tentou o violino, porém, frustrado, distanciou-se do aprendizado musical. Voltou-se, então, para a pintura e a poesia; mas foi à poesia que passou a dedicar-se com maior determinação, por considerá-la mais complexa e desafiadora.

Na tenra idade de 9 anos já publicava seus escritos nos jornais A Gazeta e O Estado, da nossa Capital. Neste, mais tarde, veio a colaborar como colunista.

Na juventude, C. RONALD foi um dos fundadores do *Grupo Litoral*, composto por jovens escritores que se reuniam para promover discussões acerca da literatura e das artes. Morou no Rio de Janeiro, onde escreveu em revistas e jornais.

Estudou no tradicional Colégio Catarinense, da Capital e formou-se na Faculdade de Direito no ano de 1962.

No ano de 1966 foi aprovado ao concurso da Magistratura de Santa Catarina e seguiu brilhante carreira nas Comarcas de Concórdia, Guaramirim, Braço do Norte e Biguaçu, cidade na qual se aposentou no início da década de 70 e escolheu para viver.

É considerado um dos precursores na crítica de artes visuais do estado catarinense. Pintor e escultor discreto, só veio a ter visibilidade artística em 2012, quando foi convidado a realizar a exposição das suas obras no MASC, Museu de Arte de Santa Catarina.

Tomou posse como membro eleito à Academia Catarinense de Letras em 25 de julho de 2013, em ato solene cujo discurso de recepção foi proferido pelo notável Acadêmico Mário Pereira, então titular da Cadeira 8, advogado e jornalista de saudosa memória, o qual fez a apreciação que segue:

A poesia de Carlos Ronald é feita de material permanente que o poeta-pensador extrai de suas percepções e vivências para construir seu mundo surpreendente e inquietante. Sua obra está endereçada a leitores especiais e destinada à permanência porque anda na frente do tempo comum. (...) não decorre apenas do seu talento e sensibilidade. É produto, também, do conhecimento da melhor tradição poética universal, porque não se constrói o novo sem esta base sólida.

O nome C. RONALD está gravado não apenas entre os maiores poetas catarinenses, mas se encontra destacado entre os grandes poetas brasileiros. Fruto de um intelecto lapidado e de uma emotividade afluída, a poética ronaldiana é de metafísica expressão. Na Cerimônia de Saudade, com a qual esta Casa o homenageou em 11 de março do corrente ano, assim se referiu sobre sua obra o brilhante poeta e crítico literário,

Acadêmico Péricles Prade, titular da Cadeira 28 desta Academia: *Carlos Ronald Schmidt é um poeta pautado pelos cânones da universalidade, cuja linguagem poética é notabilizada por uma vocação simbólica, barroca, às vezes até surreal; (marcada) pela transcendentalidade, já que sua poesia tem substrato filosófico; o que a faz ser considerada uma das eminentes poéticas da metafísica.*

Sua poesia mergulha no mais íntimo do autor, ao mesmo tempo em que exorbita da subjetividade e se transfigura em sublimidade. Singular, seduz a leitora, o leitor, como um aceno de pessoalidade; universal, desestabiliza-os e os lança ao inusitado, ao enigma das inquietações existenciais inerentes a toda pessoa humana.

Uma vez que (...) *viver é antecipar o trágico. Na poesia, uma corda bamba sobre o abismo (do homem para além do homem, como diria Nietzsche), nas palavras do poeta.*

Publicou seu primeiro livro em 1959, que recebeu o título de *Poemas*, seguido de *Cantos de Ariel* (1960). Em 1971 publicou *A Formação do Ausente*, pela qual recebeu o Prêmio Nacional de Poesia da Fundação Cultural de Brasília. Suas demais obras são, *As Origens* (1971), *Ánua* (1975), *Dias da Terra* (1978), *Gemônias* (1982), *As Coisas Simples* (1986), *Como pesa!* (1993), *A Cadeira de Édipo* (1993), *Cuidados do Acaso* (1995), *Todos os Atos* (1997), *Ocasional Glup* (1999), *A Razão do Nada* (2001), *Os Sempre* (2003), *Caro Rimbaud* (2006), *Bichos Procuram Buracos nas Paredes* (2010), *Nessa Agonia* (2014), *Seguindo o Tempo* (2016); *Então esquece* (2019); sua última obra, *Final de Uso* (2020), teve lançamento no seio da família, pouco antes de seu falecimento.

Sua extensa produção literária compreende, também, diversos contos e cerca de dez peças teatrais, entre elas, *A Limousine de Goethe*, que aborda as perseguições sofridas pelos descendentes alemães no Brasil, durante a 2ª. Guerra Mundial.

No ano de 1996, esta Academia lhe concedeu o *Prêmio Othon Gama D'Eça*, pelo conjunto de sua obra.

O premiado escritor Salim Miguel, considerado uma das principais personalidades catarinenses do século XX, escreveu sobre ele no posfácio de sua obra *Os Sempre*, de 2003:

Não é a dele uma poesia de imediata apreensão. Ao contrário. O Autor se compraz com um fazer literário de factura hermética, introspectiva; para o leitor chegar até ele, há necessidade de uma busca do que lhe é proposto, com todas suas implicações filosófico-existenciais. É um estranho universo simbólico, carregado de dúvidas e de abscondidas interrogações sobre o ato de viver. (...) O questionamento do existir, com toda a sua carga de instigações e desencontros. (...) Não é leitura para se fazer às pressas. Ler-reler até à exaustão é preciso.

Do livro citado acima, destaca-se este poema-exortação:

11.

*deves voltar
deixando o começo*

igual digamos à duração
 flexível de um astro
 mal aproveitado no firmamento pois
 deram um passo mais abaixo
 a divisão só depois
 enquanto reconhecível
 o antigo mormaço
 o pátio foi alegre e o teu desejo
 prematuro
 a divindade lembra então
 que os dias por piores que sejam
 sempre estão certos
 apenas deixaste de chegar às coisas sem
 o eterno e tudo cabe na
 triste transparente biografia
 do que se é hoje
 “nem tudo é paraíso
 nem tudo é inferno”

Na obra *Caro Rimbaud*, datada de 2006, escreveu o próprio autor, à guisa de prefácio:
É PRECISO DIZER

Nunca adquiri fama literária (no máximo, prestígio) por jamais mover uma palha para adquiri-la. Sempre fui de opinião que a poesia, ela mesma, deveria arcar com tal ônus, pois sendo verdadeira e boa seria reconhecida com o passar do tempo, mesmo que esse já não fosse mais o meu (constando apenas numa lápide com musgo). Entretanto, jamais deixei de acreditar na posteridade da minha obra porque nela empenhei de maneira profunda e total a minha vida, e a cotejei com as existentes antes e também com as que faziam estardalhaço no meu presente.

Ah, preciso dizer: a vaidade jamais me contaminou. Nunca deixei levar-me pelo cantar das coisas efêmeras (hoje sou; amanhã deixarei de ser). Quis o definitivo, o absoluto nos meus dias. E o orgulho — diferente da vaidade — continua. (...)

*(...) Escapuli das minhas mãos. Há um amontoado de Carlos
 a crescer em livros e os livros se assombram
 embaixo das rochas que uma por uma são lidas.*

Do poema intitulado LIDAS, estampado na contracapa do seu livro *Nessa Agonia*, de 2014, este último fragmento.

Nesta noite solene desfolho meu coração até a última fibra, para revelar a amálgama de emoções de que sou tomada: felicidade, reverência e agradecimento; aos Deuses, ao Destino, à Fortuna, ao Acaso, à Vida, por conceder-me a honra de assumir nesta casa a Cadeira 25, ocupada pelo imortal poeta C. Ronald — com a ineludível admiração e respeito que ele e sua obra imorredoura, unidade indissolúvel, merecem.

Para concluir minha modesta homenagem ao saudoso poeta, transcrevo um dos mais emblemáticos poemas do seu livro, *Seguindo o Tempo*, de 2016; não sem antes destacar a seguinte asserção do Nobel de Literatura, Octavio Paz: *A poesia é por natureza extemporânea. (...) A obra sobrevive graças à interpretação dos seus leitores (...) e ultrapassa sua história para se inserir em outra história.*

CONFORME

*Viajo na minha alma sem as luzes acesas
as calçadas faltam, os corrimões descem
com cariátides fechadas no sorriso
do dono da casa que ainda é menino
o avião dá de bico entre telhados
por ter acorrentado o piloto e tragédia
se consuma fora do palco*

*Bem longe as crianças choram
no primeiro espelho que encontram
e a dádiva descreve o suposto
assalto na fábrica de suspense
entre outros objetos. Quero dizer:
a erva daninha cresce entre
escritores e poetas e ainda há ajuda
no próximo voo*

*um epitáfio
que desce*

Esta Academia atribuiu-se como missão intrínseca o cultivo da língua e da literatura nacional. Está instaurada como secular guardiã da Língua Portuguesa que, igualmente as demais línguas vivas, caracteriza-se como um ente dinâmico, passível das transformações determinadas pelo Tempo e pela História.

A Casa José Boiteux, que orgulhosamente lhe acolhe, foi solidamente edificada e está alicerçada por uma estrutura permeável, a qual possibilita que os ares do mundo exterior a ela adentrem sem muita resistência, da mesma maneira como a literatura aqui produzida se irradia extramuros.

Diante desta absoluta constatação, tem-se fundamentado o motivo pelo qual não podemos fugir daquilo que no século XVII Hegel, o filósofo idealista alemão, designou como o *Zeitgeist*, ou seja, o espírito da época.

Somos contemporâneos de uma tragédia humana de nível planetário, razão pela qual considero imperativo registrar este dramático momento histórico. Mas me reconheço como uma otimista inabalável. Para além das esperanças ingênuas e a despeito de previsões contrárias, acredito que aprenderemos uma lição importante com essa pandemia que nos assola, na qual mais de 5 milhões de vidas humanas foram dizimadas. Penso, e espero, que se expandirá na humanidade a compreensão de que o mundo em

que vivemos é reflexo das escolhas humanas e da nossa relação de interdependência com todos os seres vivos; de que os efeitos deletérios dessa situação decorrem, em grande medida, do egoísmo, da ganância e da desumanidade de muitos; e que, por meio de ações afirmativas, a intolerância, estopim dos males dos tempos atuais (desigualdades socioeconômicas, violências, preconceitos, discriminações, fundamentalismo...) cederá lugar para a observação dos Direitos Humanos Fundamentais e o exercício da fraternidade. Independentemente de etnia, nacionalidade, gênero, orientação sexual, crença, cultura, profissão, idade, nível de instrução ou qualquer outra variante que possa nos diferenciar como pessoas humanas.

Enfim, acredito que com essa tomada de consciência estaremos reverenciando, ainda que precariamente, a memória das incalculáveis vidas perdidas e todo o sofrimento causado por esta catástrofe.

Nasci no advento da segunda metade do século XX, no interior do Estado catarinense, em Rio do Sul, então pequena cidade do Alto Vale do Itajaí.

Prematuramente, perdi meu querido pai — Jupy Fiuza Lima, que se foi aos quarenta e dois anos, quando eu mal chegara aos nove. Minha memória dele é uma memória da ausência, que ainda hoje sigo inteirando com os desenhos da imaginação, no autoengano de superar a dor da minha primeira grande perda.

Erotides Quintino Fiuza Lima, minha amada mãe, enviuvou com trinta e sete anos, dois filhos adolescentes e uma filha criança. Inteligente, autodidata e determinada, destacou-se como uma mulher à frente do seu tempo. Conduzida a um universo de trabalho predominante masculino reagiu incisivamente a assédios e preconceitos, e se impôs como eximia profissional.

Abnegada aos filhos, amante dos livros, apreciadora da poesia e da música, foi um ser humano admirável!

Às vicissitudes que a vida lhe submeteu, respondeu com a cordialidade e a alegria que lhe eram peculiares. É ela o meu modelo feminino, com quem tive o privilégio de conviver até a triste hora da nossa despedida. Ninguém jamais me amou como ela, que faleceu nos meus braços, com a avançada idade de 90 anos e a lucidez de uma jovem.

Impossível deixar de aludir aos meus queridos avós maternos, Justina Rocha Quintino e Donato Quintino, que moravam numa casa contígua e conosco constituíam uma só família, sendo corresponsáveis por nossa educação; e a meus avós paternos, que ficavam na distante Laguna, de Anita Garibaldi. Manoel Fiuza Lima, um austero retrato na parede e Hermezília Cascaes Fiuza Lima, que de braços abertos nos esperava nas férias de verão.-

Não obstante as mazelas da infância, fui uma menina de temperamento extrovertido, curiosa e confiante.

Nas minhas primeiras leituras, deixei-me influenciar por Emília, a boneca-filósofa de Monteiro Lobato, que com sua inteligência e rebeldia descortinou possibilidades, e demonstrou às crianças da minha geração que era preciso pensar por si mesmas.

Posteriormente, como todas as adolescentes daquela época, no Brasil e no exterior, fui seduzida pela ficção de M. Delly; cujo conteúdo aparentemente inócuo contribuiu para a formação equivocada de muitas mulheres, ao estimular um imaginário idealizado e romântico típico dos contos de fadas, e um modelo de virtude tanto desejado quanto controlado, no sentido apontado por Foucault.

Felizmente, aos dezesseis anos, fui *desencantada* por quem considero meu mentor intelectual e que mais tarde viria a ser meu marido. De férias em Balneário Camboriú, conheci Atahualpa Garrozi Mascarenhas Passos quando estava prestes a ingressar no segundo ano do Ensino Médio. Consideravelmente mais velho, cursava Direito na tradicional Faculdade da Esteves Júnior de Florianópolis; era então um jovem intelectual e um carismático líder universitário, que chegou a Presidente da UCE, União Catarinense dos Estudantes.

O Apa, atestam todas e todos que o conheceram, era um verdadeiro humanista; com sensibilidade e parcimônia ampliou meus horizontes literários, tanto na prosa quanto na poesia. A partir dele me aproximei para sempre de alguns importantes nomes, tais como: Cecília Meireles (seu primeiro presente), Manoel Bandeira, Augusto Frederico Schmidt, Fernando Pessoa, Florbela Espanca, Guimarães Rosa, Fernando Sabino, Carlos Heitor Cony, Clarice Lispector, Hermann Hesse, Máximo Górkí, Drummond, Lygia Fagundes Telles.

Concluído o Ensino Médio no Colégio Normal Maria Auxiliadora, onde realizei a maior parte dos meus estudos, fui aprovada para a Faculdade de Filosofia na Universidade Federal de Santa Catarina. A mudança para a Capital, repleta de apelos culturais e divertimento, representava para a ambiciosa moça do interior o começo de um sonho. Simone de Beauvoir, Sartre, Nietzsche, Kafka, Camus, Virginia Woolf e Dostoievski passaram a ser os meus mais constantes livros de cabeceira.

Bem mais tarde, depois de exercer outras atividades, assumi o Magistério Superior na Universidade do Vale do Itajaí, UNIVALI. Instituição em que atuei como professora de Filosofia por quase 20 anos; nos quais comunguei a reflexão, o conhecimento e a liberdade de pensamento e de expressão com dezenas de colegas e mais de seis mil alunas e alunos; num ambiente que se configura como o *locus* da diversidade.

Encerrada a docência e distanciada dos autores e textos acadêmicos, pude me dedicar integralmente à poesia. Com mais disponibilidade, também, para orbitar os espaços da literatura, principalmente das poetisas e dos poetas, iluminados por Hilda Hilst, Lindolf Bell, Brecht, Adélia Prado, Pérciles Prade, Mario Benedetti, Walt Whitman, Sophia de Mello Breyner Andersen, Borges, Maiakovski, Neruda, Rimbaud, Sylvia Plath e muitas outras e outros.

Esta cerimônia que hoje me distingue e honra ao me abrir os seculares portais da egrégia Academia Catarinense de Letras, se configura, sem a mais pálida dúvida, num dos momentos culminantes da minha trajetória pessoal e literária.

Também *sou filha dos livros*, assim como Nélide Piñon, a nobre imortal que ocupou a Presidência da Academia Brasileira de Letras.

Componho versos desde sempre, mas talvez possa ser considerada uma *poeta tardia* uma vez que só comecei a publicá-los na maturidade: o tempo das ponderações, das significâncias e, por que não confessar, das urgências, mas, invariavelmente, o tempo dos sonhos.

O poema, a exemplo de toda obra de arte ou literária, não tem razão de ser sem a existência de um apreciador, no caso a leitora ou o leitor, que com ele estabeleça uma interessada interlocução. Valho-me aqui das clareadoras palavras do poeta e filósofo Antonio Cicero, brilhante imortal da Academia Brasileira de Letras, para ilustrar o espaço que cabe à poesia e ao seu leitor na nossa vertiginosa contemporaneidade...

Numa época em que ‘tempo é dinheiro’, a poesia se compraz em esbanjar o tempo do poeta. Mas o poema em que a poesia esbanjou o tempo do poeta é aquele que também dissipará o tempo do leitor ideal, que se deleita ao flunar pelas linhas dos poemas que mereçam uma leitura ao mesmo tempo vagarosa e ligeira, reflexiva e intuitiva, auscultativa e conotativa, prospectiva e retrospectiva, linear e não linear, imanente e transcendente, imaginativa e precisa, intelectual e sensual, ingênua e informada. Ora, é por essa temporalidade concreta, que se põe no lugar da temporalidade abstrata do cotidiano, que se mede a grandeza de um poema.

É nesta hora que peço o beneplácito dos deuses do Olimpo e dos filósofos de Atenas, confiante na sua aquiescência, para declarar que o que diferencia os seres humanos dos seres inumanos não é a sua capacidade cognitiva, mas, sim, a sua capacidade de sonhar.

É o sonho que mobiliza homens e mulheres a atualizar suas potencialidades criativas e transformar o mundo em que vivemos.

Nem uma obra de arte, nem uma poesia, nem uma peça literária, nem uma tese filosófica, nem uma teoria científica existiram não fossem elas prefiguradas em um sonho.

Desde a antiga Grécia, dá-se o nome de espanto a essa faísca que acende o sonho e instiga o ser humano a construir pontes e se lançar ao infinito. É dessa admiração ante o desconhecido que poesia e filosofia inauguraram o caminho do conhecimento, a partir dos enigmas que a dialética da vida nos propõe.

— Sob esta perspectiva, é razoável assumir que a Casa José Boiteaux também é a casa dos sonhos e validar a seguinte ponderação do poeta e filósofo Alberto Pucheu:

Uma das tarefas mais importantes (de um poema), de uma filosofia e de uma literatura é a de conseguir flagrar e construir a afetividade, a sensibilidade e o espírito de sua época, oferecendo-nos o que, por permanecer estranho, todos temos tanta dificuldade de enxergar apesar de ser o mais íntimo de todos nós. ‘Redesenhar o mapa da sensibilidade de uma época’, com o qual cada momento histórico deve, a cada instante,

se medir, criando o inventário dos nossos sentimento e pensamentos, criando, portanto, a própria época, é a aposta a que se lança toda grande obra.

Goethe disse que se os gregos sonharam mais esplendidamente o sonho da vida, é porque sonharam sonhos de poetas.

Poeta sou, uma sonhadora. Meus versos estão em permanente diálogo, muitas vezes em confronto, com minhas idiossincrasias e com o universo que me circunda e transpassa.

Finalmente, desejo me apresentar com um ser humano indiviso, complexo e multifacetado como todos os demais. E espero que seja possível colher da minha obra que a minha subjetividade está imersa na pluralidade; mas que a minha alma é feminina, meu *eu lírico* é feminino e meu timbre sonoro é feminino. O que significa dizer que a minha poética se estabelece não só, mas, também, como uma contribuição na recuperação do espaço de produção intelectual e artístico da mulher, culturalmente apagada dos registros históricos por milênios.

Concluo, com a leitura do meu poema:

A MINH'ALMA É A MORADA DA ALMA DE TODAS AS MULHERES

das que me precederam
das que comigo estão
das que me sucederão

a minh'alma é a morada das mulheres atemporais
das mulheres mortas
das mulheres vivas
das mulheres não nascidas

a minh'alma é a morada das mulheres da família
nela moram minha mãe, minhas avós e as mães delas
também moram minha filha
e a neta que ainda não tive

a minh'alma é a morada da memória feminina
de todas as etnias
de todas as histórias
de todas as geografias

das mulheres da minha terra
das de terras estrangeiras
das mulheres das florestas
das mulheres dos desertos
das mulheres das geleiras

das felizes e das desgraçadas
das eruditas e das iletradas

das inocentes e das condenadas

das amadas e das desprezadas
das leais e das renegadas
das livres e das aprisionadas

das acatadas e das violentadas
das benditas e das amaldiçoadas
das suicidas e das assassinadas

a minh'alma é a morada das almas de todas elas
sou feita de todas elas
todas elas moram em mim
tenho a alma plena delas
e por isso eu sou assim
eu sou eu
e eu sou elas

eu sou universal
e por isso sou singular
e por isso sou plural

MUITO OBRIGADA!

Teca Mascarenhas
(Maria Tereza Fiuza Lima Mascarenhas Passos)
ACL — Cadeira 25